

MULHERES IMIGRANTES E A INTERSECCIONALIDADE DAS OPRESSÕES

JOHN, Júlia Castro.

RIBEIRO, Gabriel.

CERPA, Tâmara.

SPAREMBERGUER, Raquel Fabiana Lopes.

juliacjohn@hotmail.com

Evento: XXIV Congresso de Iniciação Científica

Área do conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas, Direito.

Palavras-chave: mulheres imigrantes, processo migratório, interseccionalidade das opressões.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir migrações internacionais, considerando a multiplicidade de diferenciações existentes nesta população, dando o enfoque nas relações de gênero e na situação das mulheres desta categoria e procurando visibilizar os diferentes processos de subalternização que se entrecruzam no processo de adaptação e sobrevivência destes e registrando a importância da política e do direito internacional neste processo. Migrações internacionais são fenômenos sociais complexos que podem ser tratados como ocorrências políticas já que elas implicam em “uma mudança do indivíduo entre duas entidades, entre dois sistemas políticos diferentes” (REIS, 2004). Os Estados influenciam o processo migratório internacional por meio de políticas públicas de cidadania e imigração, sendo peça principal na formação dos fluxos migratórios. O enfoque de gênero nas migrações internacionais problematiza as visões universalistas do processo migratório. Neste trabalho, o gênero é analisado como um fator de subalternização que atravessa o movimento migratório e que, juntamente com outras condições como classe e etnia configuram uma interseccionalidade na inserção social desta população.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Sobre processo migratório, há duas grandes teorias: um conceito tradicional de migração que significa movimento de pessoas de um território para outro, independentemente de motivos, por tempo determinado ou de forma definitiva (SEPMOV, 2003), assumi-se segundo este como imigrante turistas, estudantes, trabalhadores, pesquisadores e outros; o enfoque aqui é a mudança territorial, o deslocamento demográfico e o conceito menos tradicional que é o que adotaremos neste trabalho, o conceito de migração social. Migração social é o conceito a exclusão das pessoas dentro de seu espaço social, perdendo direitos básicos ou tendo dificuldades de ascensão social e na sua inserção no processo político, religioso, cultural ou produtivo (REIS, 2004). Este conceito é muito perceptível na sociedade brasileira já que o imigrante é frequentemente visto como atraso ao desenvolvimento e progresso e também, como ser com cultura ou religião inferior.

Este fator social articula-se com outros aspectos de subordinação, no caso das mulheres, o sexismo e as inúmeras formas de violência de gênero. A condição de exclusão gerada pelo processo migratório se entrecruza com a subalternização de gênero, afetando as mulheres imigrantes de forma especial.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Delineamos a presente pesquisa buscando seguir um percurso metodológico decolonial. Do ponto de vista dos estudos decoloniais, as metodologias clássicas de pesquisa científica, fundadas sobre a filosofia e a epistemologia ocidental estão intimamente relacionadas com a colonialidade do conhecimento. Neste caso, podemos citar os relacionados com a colonialidade do conhecimento. Neste caso,

podemos citar o racionalismo cartesiano representado pelo raciocínio dedutivo e o empirismo que parte do raciocínio indutivo. Descartes e Bacon, como muitos outros teóricos da modernidade, colaboraram para o estabelecimento de um arcabouço epistemológico eurocêntrico, delimitador das formas e modos de construção de conhecimento. Linda T. Smith, uma antropóloga Maori da Nova Zelândia, trabalha com a "descolonização das metodologias". Descolonizar metodologias significa uma compreensão mais crítica aos pressupostos subjacentes, motivações e valores que motivam as práticas de investigação. Nesse sentido, concordamos com a autora ao defendermos que os pesquisadores precisam criticar seu próprio "olhar". A técnica de pesquisa adotada inicialmente é a bibliográfica, mas pretende-se, trabalhar com pesquisa de campo.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A sociedade, quer seja por meio dos movimentos sociais feministas, quer seja por meio da academia, buscar ferramentas para análise e compreensão das diferenças de poder que circundam as mulheres em diferentes posições sociais. Os conceitos de interseccionalidade e articulação das opressões fazem parte dessa história e movimento oferecendo possíveis recursos que podem ser relevantes na compreensão da experiência social das mulheres imigrantes e dos mais diferentes sujeitos sociais da contemporaneidade. As interseções entre essas categorias possuem um sentido de subalternização, com efeitos concretos na inserção destas pessoas nos mais diferentes espaços e na garantia de direitos humanos e cidadania. Este trabalho ainda está em construção. Buscou-se, até o presente momento, referenciais teóricos que rompessem com a imagem comum e hegemônica do imigrante por meio do recorte de gênero. Pretende-se continuar o trabalho focando especificamente nas mulheres imigrantes de Rio Grande – RS.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se fundamentalmente importante, para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, a realização de estudos sobre a interseção mulheres imigrantes que possam buscar caminhos políticos e sociais para a resolução dos conflitos que esta população está inserida. A presença dos imigrantes sociais no Brasil deve ser vista sob o prisma dos direitos humanos que são garantias a qualquer pessoa e não apenas para aqueles que conseguiram o visto burocrático estatal.

Em consonância com isto e também visando uma sociedade mais justa e democrática, sustentada pelos direitos humanos, é importante a visibilização e o fortalecimento das mulheres, em especial as em condição de mais vulnerabilidade como as em questão neste trabalho, as mulheres imigrantes. Considerando a discriminação experimentada pelos imigrantes, as mulheres fazem parte de um dos grupos mais necessitados de conquistar fortalecimento e, por outro lado, dentre os com mais potencial de transformar a realidade por possuir uma visão diferente da população menos subalternizada. Explica-se isto pela discutida interseccionalidade das opressões, em que na mulher migrante se entrecruza as violências patriarcais, o machismo e a xenofobia.

REFERÊNCIAS

- ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004. 179 p.
- REIS, Rossana. **Soberania, direitos humanos e migrações internacionais**. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 19 Nº. 55.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1.ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte:UFMG, 2010.

**14ª Mostra da
Produção Universitária**

de 26 a 29 de outubro

